

## Um Discurso

Matthew Hopkins observa as raparigas a prosseguir caminho e depois, ambas as toucas brancas das West a balançar enquanto sobem a colina, ao longe. Pergunta se a rapariga é atrasada. «A morena», esclarece. Ela tem um ar esquisito, pensa ele, como se se sentisse mais confortável no céu, empoleirada num fiapo de nuvem do que num banco de igreja da província. Os olhos afastados e aquela cor toda nas pupilas.

— A Rebecca? Não — replica o mestre Edes. — É tímida, presumo. A mãe, ouça... — Edes dá um risinho enquanto os dois homens continuam a subir a rua em direção à Cruz do Mercado. — A Megera West é uma formidável velha impertinente. Há alguns anos, cumpriu pena de prisão por matar o porco de um vizinho.

— Um porco, senhor? — Hopkins pestaneja para o companheiro, com a boca numa linha firme por baixo do bigode preto. — Misericórdia. Como?

— Não estou inteiramente certo, isso aconteceu antes de eu vir de Londres. Uma qualquer escaramuça de gente refinada no pátio da frente, e no meio de tudo daquilo, a Megera West vai até sua casa, regressa com uma faca de talhante e corta o pescoço ao pobre animal antes que alguém a pudesse impedir. E o porco nem sequer era o principal motivo de discórdia.

Edes ri, mas Hopkins permanece circunspecto.

— Mulheres — solta ele, exaurido.

— Uma mulher? Só se for Lilith. Não... Se veio a Manningtree à procura de esposa, a sua busca poderá ser bastante demorada, senhor.

— De esposa, não — replica Hopkins.

O parlamento assegura uma vitória sobre o rei, em Berkshire, contra todas as probabilidades, provocando um ambiente confuso de festa e torpor pelas vilas e lugarejos de Essex, com os homens a beber e a disparar os seus mosquetes para o crepúsculo lilás, pois o julgamento de Deus foi, certamente, proclamado sobre os injustos. Ajustam as contas restantes da batalha com divindades cada vez mais extravagantes e, em breve, o arcanjo Miguel está a manifestar-se no campo de combate e cavalos brancos galopam através dos seus sonhos embriagados em cidra. Setembro torna-se outubro, que se torna novembro. A época das colheitas chega quando o lânguido verão finalmente se esgota e, na praça da vila, põe-se a arder uma efígie pintada do Papa.

Matthew Hopkins reabre a estalagem Thorn com pompa reduzida. À medida que o ano chega ao fim, o seu gosto por trajes mortiços causa um menor espanto e começa, até, a fazer algum sentido. Enquanto outros correm de um lado para o outro nos seus negócios ao ar livre tão depressa quanto podem sob os chuviscos de outono, num esforço de voltarem para o conforto dos seus lares, Matthew Hopkins pavoneia-se pela vila como um corvo sorumbático de pernas compridas, com John Edes e John Stearne e a companhia mais erudita que é capaz de encontrar num lugar tão retrógrado quanto Manningtree, incluindo todos os Neemias, feliz e contente ao seu jeito puritano. Há quem o chame de homem retrógrado, um empregado. Outros há que o admiram; não se lhe conhece família, mas, ao que parece, o dinheiro abunda.

Matthew Hopkins passeia a cavalo num campo ao amanhecer e repara numa pena preta na erva, luzidia e perfeita. Matthew Hopkins recebe pessoas. Matthew Hopkins disserta. Matthew Hopkins discursa, e os principais autodidatas da vila disputam cada migalha da sua exultante teologia.

— Pois ele é, claro está, um Príncipe do Ar — diz Hopkins, levantando a ponta da capa de montar de modo que os seus companheiros eruditos possam apreciar melhor o bordado na orla, a suavidade do pelo

de marta. Quando Matthew lhes expõe as coisas dessa forma, faz-lhes sentido que o Diabo possa tomar corpo como a manteiga e deslizar por baixo da porta da despensa para cobrir todo o corpo de um homem. De um homem, ou de uma mulher.

São capazes de imaginar ali o Diabo, uma coisa enorme no céu, ou sob a forma da névoa que tudo envolve vinda do rio, aglutinando em si o fumo dos fogos das copas. Para usar depois. Ou sob a forma do miasma que paira sobre os pântanos e os baixios, trazendo a malária. Uma cabeça negra coroada por finas folhas vermelhas de azeda-brava, uma traça com boca tanto à frente quanto atrás. Cabriolando nas nuvens de outono que são como tiras de céu a pelar. O Diabo requebra, o Diabo dança. Dança como dançaria uma rapariga, de quadris bamboleantes e cabelo a cair, bravio, pelos ombros. Ardente. Agora que as noites são mais longas, poderá ir de porta em porta, de noite, disfarçado de vendedor ambulante trigueiro, abrir o seu casaco a senhoras casadas e raparigas solteiras de olhos arregalados e, onde estas esperaríamos encontrar fita de seda e pequenos botões de pérola, ele mostrar-lhes-á a sua mercadoria de ratos e salamandras: «Este aqui é o Prickeare, e este, o Prettyman.» E enquanto isso, um gato cinzento observa do canteiro dos morangos.

O Diabo está nos lugares mais húmidos da floresta, por baixo de troncos caídos. Fala para as centopeias e para os sapos, e estes arrastam as suas barrigas macias pelas rochas e pela bosta e estropiam o cavalo de um cavalleiro que por ali passe a caminho de Ipswich, ou procuram um sítio quente para se aninharem entre as coxas afastadas de alguma moça do campo que, por sua vez, sonha em casar com um turco que usa a língua lá em baixo. Ele cospe arcos-íris. Ele desliza um arco-íris por ti adentro.

— É claro que o poder da criação — diz Hopkins, sorrindo indulgente para John Stearne, sentado junto dele à lareira —, pertence apenas e justamente a Deus.

Poderão o ódio, o desejo ou a fome erguer ilhas no mar, ou impregnar de estrelas um céu vazio? Não. E, no entanto, são tão reais quanto vós ou quanto eu, e ninguém poderá contestá-lo. E é tal o seu poder, corroendo-vos como a um estômago vazio até que ponham qualquer

coisa horrível na boca, acariciando suave e habilmente os bicos rosados dos seios e as partes íntimas até que imploreis para ter o poder dentro de vós, a preencher-vos. A ira que cresce em vós quando olhais para o rosto sorridente de alguém que vos fez mal, fazendo-vos querer agarrar nesse rosto com as mãos e desfazê-lo como papel humedecido.

Saciedade. Pudéssemos nós alguma vez atingi-la e talvez pudéssemos conhecer algo semelhante à paz. Perseguimo-la. Essa é a ilusão que ele promete, uma superabundância sem fim, uma escuridão que toca em cada parte de vós, em todos os vossos órgãos em simultâneo, para sentir as raízes a esticarem-se mais e mais e cada vez mais dentro da terra e dentro de tudo, através de ossos verdes dos homens mortos cujos sonhos se deslocam por baixo dos vossos pés como um rio subterrâneo.

— Este é o inverso maligno da unicidade prometida aos virtuosos junto dos portões brancos do Céu. Tal como a Lua está para o Sol, e uma mulher está para um homem. — Hopkins diz tudo isto e os homens escutam atentamente, de olhos reluzentes pela luz do fogo, as sombras ondulando nas paredes da sala de estar.

## Rapaz

O dia da Conspiração da Pólvora<sup>3</sup> passou e o Papa pintado crepita na praça da vila, de bochechas chamuscadas. A manhã é luminosa, mas gélida, a linha da costa pintalgada de malmequeres-da-praia rosos, sensivelmente salgados. O Stour está na sua vazante e o brilho dos baixios torna difícil perceber onde o solo acaba e a água começa, na baía. Junto ao muro do desembarcadouro, encontra-se um estranho grupo de mulheres, embrulhadas em casacos esfarrapados e em regalos de pele baratos para afastar o frio.

— Ai, agora apetecia-me um golezinho de qualquer coisa — diz a Megera West, tremendo dentro do casaco. — Só para afugentar o frio. Um copito cheio de qualquer coisa.

Margaret Moone dá um estalido com a língua.

— Ainda nem sequer é meio-dia. Sua mandriona.

A mais velha das mulheres ali reunidas é a velha tia Clarke, curvada sobre o seu cajado, parecendo deliciar-se com o sol no rosto, como um réptil. O xaile esfarrapado que traz na cabeça está puxado para trás, sobre o couro cabeludo com manchas da idade. A mais alta é a Megera West, complicada e vigorosa, com uma capa roubada à volta dos ombros. Ao lado da escanzelada Megera, a viúva Moone aparenta ser particularmente agradável, o seu rosto branco por baixo da touca

---

<sup>3</sup> *Gunpowder Treason Plot* (Conspiração da Pólvora) é um dos feriados mais importantes em Inglaterra, celebrado anualmente a 5 de novembro. Marca o dia da tentativa de assassinato do rei Jaime I, em 1605.

branca rendada como um pãozinho doce num papel de embrulho enrugado, o seu corpo em esforço dentro do tecido barato do vestido. Depois, há a viúva Leech<sup>4</sup>, que parece tanto uma sanguessuga quanto a viúva Moone<sup>4</sup> se parece com o seu próprio homónimo astral. A viúva Leech: passou de rapariga solteira a Leech, e parece que assim morrerá. Uma mulher de baixa estatura, ativa e de olhos pretos, com uma língua afiada e bastante atenta aos temas da controvérsia local. Mal descobre alguma coisa, logo se agarra a isso, tem três filhas crescidas que já saíram de casa e, portanto, pouco mais que fazer além de interferir na vida dos outros. A completar a festa está Liz Godwin, uma mulher esbelta, bem feita, com os olhos vazios e dóceis de um cavalo, como se quer. Liz Godwin é generosa no dispêndio do seu tabaco de mascar, o que é uma sorte, pois não possui inteligência para repartir.

As mulheres falam de nomes. Nomes de bebés. Todas elas já passaram a idade fértil, mas são críticas experientes das ideias dos seus vizinhos.

— *Free-love*<sup>5</sup> foi o nome que os Edwards deram ao seu novo bebé — zomba a viúva Leech. — Já alguma vez ouviram tal nome?

— Quanto a mim, *Free-love* parece mais nome de menina — reflete Godwin, que não percebe as piadas delas.

— Não se parece com nenhum tipo de nome — declara a Megera West, inquestionavelmente.

— *Eu* já ouvi esse nome — anuncia Margaret Moore. — E pior. Souberam o que os Cate lá no caminho de Bergholt chamaram ao seu bebé? *Continnence*<sup>6</sup> — sussurra, para deleite das restantes —, Continnence Cate. Há uma enxurrada de cabeças a abanar e *credos e nunca na vida*. Depois, Anne Leech acrescenta que há uma menina que se chama Silence, em Thorpe, cujos pais, presume, tencionaram desviar as atenções para a sua virtude, já que o Diabo a presenteou com um lábio leporino.

— Também devia ter dado esse nome à Becky — suspira a Megera.

Margaret Moone declara Rebecca West uma *jovem senhora muito correcta*, e admira-a o facto de não haver um homem que pareça preparado para a tomar como esposa, tendo em conta que nenhum homem que

<sup>4</sup> *Leech*, em português: sanguessuga. *Moone* grafia arcaica de moon, em português: lua. (N.T)

<sup>5</sup> *Free-love*, em português: amor livre. (N.T)

<sup>6</sup> *Continnence*, em português: continência, castidade. (N.T)

case com ela lhe ouvirá uma palavra de indignação que seja ao longo de toda a sua vida. Ou palavra nenhuma, já agora.

— Ah, é isso que pensa, Mag? — contrapõe a Megera, incrédula. — Por Deus — diz com um silvo —, a minha Becky mostra-se muito doce a todos, mas, quando quer, a miúda cospe veneno. — Somente Liz Godwin se retrai perante a blasfémia fortuita.

A velha tia Clarke agita-se, abrindo os seus olhos enevoados.

— Pois — diz ela —, e faz ela muito bem. O mundo já tem birrentas e bonecas que cheguem entre as mulheres. Se ela tem o poder da persuasão, e a sensatez de o manter escondido, parece-me que está absolutamente pronta para casar. — Encerra a sua prestação com uma curta e espetacular gargalhada.

— Pelo menos, faz como foi ensinada. A minha Judith — começa Margaret —, nem há três noites, disse-lhe para me ir buscar um molho de lenha à pilha que está no pátio. E ela ficou para ali sentada, a aquecer os calos à lareira e a beber a minha cerveja, e disse categoricamente: «Não vou.» — Isto suscita um rumor de desaprovação unânime. — E digo eu: «É melhor ires buscá-lo, rapariga...» — Margaret detém-se para confirmar que o grupinho de mulheres está a prestar a devida atenção à sua história. — «Senão...» E responde-me ela: «Senão, o quê? Vais buscar um pau e bater-me, mãe?» — As outras mulheres aproximam-se ante a insinuação de violência, como se de um fogo se tratasse, mas a viúva Moone mantém-se em silêncio.

— E tu? — pergunta por fim a Megera, impaciente. — Foste buscar o pau e açoitaste essa herege?

— Não — responde a viúva Moone com um encolher de ombros. — Pus o meu xaile e fui eu mesma buscar a lenha. É a sina de uma viúva. A tia Clarke suspira.

— Uma rapariga com essa idade — diz — só quer ver qual o poder que possui. Destruir qualquer coisa com as mãos e sorrir ao fazê-lo. E com um homem não dá para fazer isso. Para uma rapariga de vinte anos, um homem não é humano. É uma espécie de Deus. Pelo menos, é o que lhe ensinam. E assim lhe parece a ela. Um homem não tem sangue para esguichar em redor.

Durante alguns minutos, há silêncio e as mulheres refletem na explicação dada pela tia Clarke, assimilando-a.

— Pois — suspira Leech —, já o disse muitas vezes. Há as pessoas e depois há os homens.

Nesse momento, os senhores Matthew Hopkins e John Stearne surgem dos escritórios do desembarcadouro do lado oposto, envergando lindas peles que ondulam na gola com o vento vivaz, e encetam caminho ao longo da estrada. Passam pelas mulheres com um toque relutante nos seus chapéus, como as cabeças aguçadas de corvos ante um ferimento. A conversa é retomada assim que os homens se encontram a uma distância em que já não as podem ouvir.

— O senhor Hopkins esteve em Cambridge — comenta a Megera, segura de si.

Liz Godwin semicerra os olhos.

— Isso não é assim tão extraordinário — diz ela. — O meu Thomas esteve em Cambridge. — Thomas é o seu marido. Em Manningtree, no outono de 1643, não existe praticamente uma mulher viva que não tenha um marido ou um filho chamado Thomas.

— Não estou a falar de lá ir ao mercado, sua estúpida — atira a Megera a Liz. — Há uma escola em Cambridge. Uma escola de Filosofia. Se o teu Thomas lá andou, é de uma humildade impressionante.

— Pensava que o Hopkins era advogado — diz Leech, torcendo o nariz.

— Aquele bigode preto — balbucia Margaret Moore. — Acho que parece o Diabo em pessoa.

A sua observação provoca uma interrupção sinistra na conversa. A maré baixa deixou os baixios com nacos fedorentos de bodelha e laminária, detritos de corda desfiada e ratoeiras partidas. Dois rapazes — Thomas Briggs e Elías Frost — brincam descalços a apanhar caranguejos ali perto, nas poças, sob o olhar faminto das gaivotas. Saltitam para dentro e para fora de um balde colocado entre ambos, na lama molhada, com os tornozelos sujos de lodo.

— Menino Thomas Briggs — chama a Megera —, porque é que desperdiça *bacon* bom com esses caranguejos, hã?



Briggs detém-se e lança um olhar hesitante à Megera, enrolando a sua linha para apanhar caranguejos. Limpa o nariz com a manga da camisa e não diz nada.

O seu silêncio irrita-a. Diz-lhe ela, novamente:

— Ouviu o que eu disse, menino Briggs? Além disso, não estará um bocadinho de frio esta manhã para andar a brincar nos baixios? Ainda apanha um resfriado dos diabos.

Briggs continua quieto e calado, projetando o lábio inferior de modo hostil. Entretanto, o outro rapaz também parou para observar o desenrolar da conversa. A viúva Moone endireita o rosto rosado para olhar para os jovens tímidos através da lama fulgente.

— Responda à Megera, Thomas Briggs — diz ela. — E onde está a sua mãe?

Thomas Briggs ergue a cabeça, desafiador, e riposta:

— A minha mãe diz que não devo falar consigo, nem com ninguém da sua laia!

Com uma alacridade quase sobrenatural, ainda antes que os arquesjos de reprovação das companheiras ante a audácia da criança fossem a meio, a Megera salta por cima do muro do desembarcadouro para os baixios imundos, o casaco de marinheiro de couro a adejar ao vento atrás de si como as asas de um grande morcego. Thomas Briggs e o companheiro fazem tenção de desatar a correr, mas é tarde demais e o menino Briggs grita e contorce-se ao ser agarrado pela orelha, pela Megera, que o puxa para a margem, chamando-o de insolente desrespeitador, moço arrogante e todo o tipo de nomes. Os puxões e os empurrões continuam e o jovem companheiro de Briggs consegue fugir para a vila sem ser perseguido, esquecendo-se das botas na praia que a maré baixa deixou a descoberto.

A Megera arrasta o rapaz até à margem. Thomas segura-se à touca dela, puxando-a e destapando metade da sua cabeça grisalha antes de tropeçar e cair, com um baque, na pedra rugosa do caminho. Ela agarra-o pelos ombros, volta a pô-lo de pé e ele começa então a berrar, esquecendo toda a audácia, com o queixo arranhado a ensanguentado. Ela abana-o violentamente:

— Que vergonha! Uma vergonha lamentável — admoesta-o. — Que pensaria o seu pai, se o ouvisse a dirigir-se aos mais velhos com tal insolência?

Esta menção ao fazendeiro Briggs — falecido membro da Eastern Association — é imprudente, suscitando logo de seguida nova choroadeira do jovem Thomas. A Megera puxa uma mão atrás para bater na criança, e as outras mulheres, imóveis com o choque até ao momento, movem-se para interceder.

— Vá lá, Nan — murmura Margaret Moore agarrando-a por trás, pelos ombros —, já chega. — E foi mesmo a tempo, pois Priscilla Briggs, mãe de Thomas, está agora no final de Market Street, o cesto de bolos que trazia cai na lama ao mesmo tempo que ela aponta um dedo acusatório e trémulo às cinco malfeitas reunidas na margem. Solta um guincho e precipita-se para o tumulto.

As mulheres afastam-se quando Priscilla Briggs se ajoelha para tomar o seu filho tremente nos braços, virando depois o rosto lívido para a Megera West.

— Rameira! — grita. — A pôr essas mãos em cima dele: um rapaz de onze anos! — Coloca um braço à volta dos ombros do filho e com o outro esbraceja para a Megera numa espécie de ameaça inconsistente.

Por um breve instante, a Megera parece estar nervosa. Não tinha a intenção de que aquilo acontecesse e é, sem dúvida, constrangedor para todos os envolvidos. Esconde o nervosismo com uma gargalhada, olhando para o rosto da senhora Briggs com as marcas das lágrimas. A gargalhada é anárquica e vem-lhe do fundo da garganta. Erguendo as mãos em posição de submissão, diz à senhora Briggs que há rapazes muito mais novos do que Thomas no Norte a carregar fardos em tratores, por isso, ela pensou que o moço conseguia aguentar uma pequena reprimenda inocente para pagar pelos seus pecados.

— Mas, se quiser endireitar este malandro atrevido, senhora Briggs — investe ela, pondo as mãos nas ancas —, então, não voltarei a interferir.

Mais pessoas se juntam, atraídas pela algazarra das mulheres, como sanguessugas: alguns trabalhadores portuários embasbacados no cais a mascar os seus cachimbos de argila, o padeiro na soleira da porta a limpar as mãos farinhentas no avental. Os senhores Hopkins e Stearne.

— Não volte a fazer isso! — berra a senhora Briggs, pondo-se novamente em pé. — Rameira! — acrescenta, uma vez mais, por via das dúvidas.

Nesse momento, Hopkins avança, atirando a capa para trás com um movimento rápido e oferecendo o braço a Priscilla, um verdadeiro galante do mundo dos mortos.

— Senhora — murmura docemente para Priscilla, como se apaziguasse um cavalo assustado. — *Minha senhora*.

Em vez de aceitar o braço que lhe é oferecido, Priscilla Briggs agarra-se ao seu ombro e atira-se, chorosa, para os caracóis negros do seu cabelo.

— Mulheres perversas — soluça contra os veludos dele —, são todas umas mulheres perversas. — Thomas Briggs observa, de olhos vermelhos e boquiaberto, tendo aparentemente esquecido todos os ferimentos. Hopkins, elegantemente desconcertado, brinda Priscilla com uma palmadinha superficial entre os ombros.

O senhor Stearne aclara então a voz e pisca os seus olhos lacrimosos contra o vento gélido.

— Permitam-me perguntar, minhas boas senhoras — começa —, o que ocorreu para que se gerasse tão grande tumulto?

Liz Godwin está aliviada com o facto de alguém ter, finalmente, feito uma pergunta à qual ela sente que pode responder, por isso, responde, e a sua resposta é qualquer coisa deste género:

— Bem, senhor. A Megera West quis saber porque é que o menino Briggs estava a desperdiçar *bacon* bom com os caranguejos, pois, veja bem, ele estava a pescar caranguejos, e disse-lhe que ele apanharia um resfriado dos diabos, mas o menino Briggs não respondeu. Então, ela voltou a perguntar, e depois o menino Briggs disse, senhor, de forma muito petulante, que a sua mãe o havia instruído para que não falasse com a Megera West nem com ninguém da laia dela. Foram estas as suas palavras, senhor. Embora eu não lhe consiga dizer exactamente o que significam, já que a jovem Rebecca não está aqui connosco e...

Hopkins levanta a mão pedindo silêncio. O rosto da Megera está franzido como se ela reprimisse uma gargalhada, com a touca torta. Em seguida, Godwin engole em seco uma vez e, irritada, resume:

— E então, ela agarrou-o pela orelha, a Megera West. Depois, o menino tropeçou, caiu e arranhou o queixo. E depois, a senhora Briggs chegou.

Naquele tenso ajuntamento, trocam-se olhares e tiram-se medidas consoante o silêncio se instala, interrompido somente pelos soluços da senhora Briggs.

— Bem — diz Hopkins —, eu sou um homem solteiro e, como tal, não me compete fazer recomendações em relação ao mais sagrado dos deveres femininos, que diz respeito à educação dos filhos. Porém, enquanto humilde servo de Deus, e enquanto vosso vizinho, talvez possa lembrar-vos das virtudes da modéstia, da obediência, da higiene...

— Neste momento, os seus olhos descem e fitam as saias salpicadas de lama da Megera. Os olhos dela estão baixos, mas o seu lábio treme com uma secreta vontade de rir. Margaret Moone e a viúva Leech têm, igualmente, os lábios bem apertados para suprimir o riso.

— E da moderação, que...

A viúva Leech é a primeira a desmanchar-se, tapando a boca com a mão demasiado tarde para conter uma pródiga explosão de riso. Depois, a viúva Moone, depois a Megera e depois até a ofegante tia Clarke desatam a rir.

— Que poderão fazer de vós exemplos para todas as filhas da vila...

— A frente de Hopkins ensombra-se ao perceber que a sua advertência é ignorada. Dá o braço à senhora Briggs. — Venha, minha senhora — suspira. — Venha sentar-se um pouco no bar.

Os senhores Hopkins e Stearne vão para o White Hart, levando a senhora Briggs e o pequeno Thomas pelo braço. As mulheres ficam e riem-se durante um bom tempo junto ao muro do desembarcadouro. Depois, vão para casa e fazem o jantar e penteiam os seus cabelos, esquecendo-se da moderação e das gargalhadas. Mas Hopkins, não.

## Adivinhação

Estamos deitadas lado a lado, de camisa interior, na cama de Judith.

— Ouve-a só lá dentro. — Judith perscruta a porta fechada, atrás da qual a viúva Moone dorme no quarto adjacente. — Ouve-me isto.

Ouvimos a viúva Moone rressonar. Inspira majestosamente, imensamente, e depois há uma pausa de dois, três ou mesmo quatro pulsações até se seguir uma expiração igualmente sumptuosa.

— Todas as noites me convenço umas sessenta vezes de que a madame finalmente bateu as botas — suspira Judith, desgostosa. — Mas não.

O fogo extinguiu-se até se tornar numa imundície de brasas cintilantes, e na vidraça há uma fina camada de gelo.

— Que farias, nesse caso? — pergunto-lhe. — Se ela batesse as botas, como dizes.

Judith morde o lábio, pensativa.

— Enfaixava o peito para me tornar marinheira — responde.

Olho-a.

— Oh, sei lá — diz ela com um encolher de ombros curvado, olhando para o reboco rachado do teto. — Talvez arranjasse um trabalho. Em Colchester ou em Ipswich. Em algum sítio onde houvesse uma retrosaria minimamente decente. Em algum sítio em que se vendessem azuis como deve ser. Um azul-cobalto verdadeiro não me ficaria bem, com o meu tom?

— Não aguentarias uma semana a trabalhar — digo-lhe, simpaticamente. — Não tens temperamento para isso. Mas tens um cabelo ruivo bonito, o que talvez seja preferível. — Estico a mão até à almofada para lhe tocar no bonito cabelo ruivo, que é fino e suave. Conto-lhe, uma vez mais, acerca do tempo em que trabalhei como criada em Rivenhall, e de como o meu amo me batia com um pau de nogueira quando chegava bêbedo a casa e encontrava qualquer coisinha de nada que eu fizera e que não estava de acordo com o seu gosto. Judith sorri. Ela gosta de histórias chocantes. Quanto mais sanguinárias, melhor. Quando éramos pequenas, costumávamos ficar acordadas até tarde a ler o velho livro *Acts and Monuments*<sup>7</sup> do seu pai, maravilhadas com a carne perfurada dos mártires, a nossa respiração morna e curta.

Judith vira a cabeça para olhar para mim.

— E as relações com a velha Megera West melhoraram? — pergunta. — Já que estamos a falar de pancada?

— Porque é que achas que estou a passar a noite aqui?

Ela mostra os dentes pequenos ao sorrir, o rosto pálido sob a luz do fogo.

— Por causa do meu bonito cabelo ruivo?

— Não sejas ridícula.

— Ah! — exclama Judith, subitamente, erguendo-se nos cotovelos. — Soubeste da escaramuça no desembarcadouro, na manhã a seguir à grande fogueira? O menino Briggs e a tua mãe?

— Não haveria eu de saber? A vila inteira está ao rubro com o assunto. «Mulheres perversas.»

— Dizem que o senhor Hopkins intercedeu, com uma atitude toda cavalheiresca — sonda Judith após um breve silêncio. — Acho que gostaria de ter visto isso. A grande Megera West a confrontar o puritano de Cambridge.

Faço uma pausa que dura o tempo de um dos roncos da viúva Moone, dois, entrelaçando os dedos sobre o peito. E depois, faço a pergunta, com um leve toque de intangibilidade na voz e uma falsa indiferença.

— Sabes se o mestre Edes estava lá?

---

<sup>7</sup> *Acts and Monuments* é uma obra de John Foxe, historiador inglês protestante, publicada em 1563. Revela o sofrimento dos protestantes às mãos dos católicos, o rol de mártires e os martírios sofridos por cada um, sendo também conhecida por *Livro dos Mártires* (*Book of Martyrs*).

— Raios partam o John Edes, mulher — diz Judith, deixando-se cair na cama e bufando com exasperação. — Será que não pensa noutra coisa?

Reflico sobre a pergunta durante um instante, puxando o cobertor até ao queixo.

— Não, nem por isso.

— Pois, então, muito bem. — A boca de Judith toma a forma de uma linha fina e determinada ao mesmo tempo que ela trepa para cima de mim e se levanta da cama, indo buscar o seu xaile e fazendo um estardalhaço para acender uma vela.

— Que estás a tramar? — pergunto.

— Volto já, já — diz ela, e a língua humedece-lhe os lábios e uma centelha de malvadez humedece-lhe os olhos, abençoada seja.

Ponho-me de lado e sigo os sons dos passos de Judith pela casa. Descendo as escadas, batendo nas lajes, o chiado da porta da despensa. Em breve, reaparece com um repolho na anca, triunfante como Salomé com a cabeça de João Batista a pingar sangue. Com uma solenidade fingida, pousa o repolho nas tábuas junto ao fogo, om um pau de carvão e uma pilha de papel amachucado.

— Pronto — diz ela, voltando para junto da cama e tirando-me as cobertas —, anda lá!

A noite está fria. Queixo-me enquanto Judith se debate comigo por baixo do cobertor, me puxa pelas mangas da camisa interior e me põe, carrancuda, à frente do papel e do repolho.

— Daqui a nada, vamos pôr-te em brasa com pensamentos luxuriosos — sorri. — Ora bem. Pega no carvão com uma mão e põe a outra ali, por cima do repolho.

Faço o que ela diz.

— Agora — diz Judith — vou vender-te. Sente bem o repolho com a mão. Regista essa imagem no papel. — A sua respiração é quente por trás da minha orelha, bafienta e cheira a cerveja. À frente dos meus olhos, é colocado um xaile, que ela ajusta e aperta. Conheço o jogo que ela está a propor. Está mesmo no limite do que é permitido. Superstições.

— Se a tua mãe sabe disto... Haverá quem diga que é adivinhação — balbucio, no entanto, o entusiasmo prende-se aos meus protes-

tos como amores-de-burro no cadarço, não consigo evitá-lo. Judith apercebe-se deste entusiasmo, e ri-se.

— Então, serão idiotas — diz ela, batendo-me levemente no ombro. — Não é adivinhação. É um repolho.

O brilho da vela passa através do xaile. Sinto as folhas sob os meus dedos, frias, fibrosas, rugosas, raiadas e talhadas. Pressiono a língua contra o céu da boca, penso numa torrente de seiva, cada vez mais amarga. Os meus dedos movem-se pelas curvas superiores, que se assemelham a uma fronte enrugada, embrenhada em pensamentos, ou franzida pelo esforço da concentração e encontram, enfim, o âmago do repolho onde se encontra a ponta de um dedo anelar como lábios fechados em beicinho, um beijo cru e verde. De seguida, as depressões e os folhos desenvolvem-se para fora num movimento circular, as folhas por vezes prendem-se reticentes umas às outras, outras vezes, complacentes, húmidas por baixo de cada asa. Aqui, uma prega suspensa é o canto de uma boca com barba em redor. Acima, uma trama de veias como o trabalho de renda azul de um pulso voltado para cima, uma fonte. Desenho aquilo que sinto, até sentir também a respiração de Judith na nuca, e arranco a venda dos olhos sem ter a noção de quanto tempo passou, irritada com o meu próprio arrebatamento. Sob o efeito de encanto.

A caneta de carvão vai para o chão, o repolho para longe. Agora, sentada na ponta do tapete em forma de coração, parece uma coisa tão inocente, tão banal, tão inofensiva. Sinto algo que é como o lado frio, liso de uma lâmina a pressionar-me entre as pernas, e rio-me, e o quarto está frio, mas as minhas faces não. Um daqueles momentos estranhos, fora do normal, em que uma pessoa dá por si a cair na sua própria vida como uma faúlha.

Judith arrasta as coxas para a frente para pegar no desenho esborratado.

— Ora bem — diz ela, diligentemente. — Vejamos.

Levanta o desenho junto às brasas e a luz amarelada inunda o papel, e linhas pretas e manchas de pó parecem quase rubras com o movimento silencioso do fogo. Judith começa a atribuir uma sucessão de qualidades cativantes ao desenho — braços fortes com que me agarrar, uns bons dentes brancos, etc. —, mas eu não consigo ver nada, não



consigo ver nenhuma das coisas que ela lá vê. Aquilo que vejo é uma cómica braçada de ossos. Vejo, talvez, algo que faz lembrar um olho vermelho de leopardo, um buraco turvo que se engole a si próprio mais e mais, como o brilho débil de luz na água no fundo de um poço através do qual se sabe a profundidade do que, de outro modo, se poderia considerar escuridão infinita, embora isso não sirva de consolo. É neste momento que me apercebo de que a minha vida nunca mais será normal. Houve qualquer coisa que começou, e eu estou enredada nela.

— Rebecca?

A voz de Judith traz-me de volta ao quarto, onde ela segura no desenho junto ao fogo. Acometida por um súbito arrepio, digo-lhe que o atire para a lareira. Sinto que alguma coisa está ali connosco, no quarto, ou muito perto do quarto, como se alguma coisa pairasse mesmo por baixo da minúscula janela, roçando a vidraça com dedos esquisitos. Judith faz o que lhe digo e ficamos a ver as cinzas vagarosas a avivar-se e a engolir o papel.

— De facto, *adivinhação* — diz Judith, dando um estalido com a língua.

— Pensar-se-ia que, ao menos, a *heresia* seria útil.

Baixo o olhar para as minhas mãos agarradas aos meus joelhos e vejo que estão enegrecidas com a poeira do carvão. Levanto-me e vou até ao lavatório. Despejo-lhes água do jarro, que está agradavelmente gelada. Deslizo as mãos pelo lavatório, tiro-as, limpo-as na minha camisa interior e é então que a vejo — a minha própria cabeça curvada e a curva do meu pescoço refletidas, e uma outra silhueta, mais escura, ao lado. Como uma mão, uma mão a dirigir-se para o meu pescoço. Sinto agora um sabor metálico na boca, como o sabor do sangue.

Devo ter-me retraído, pois Judith olha para mim com uma ruga a formar-se-lhe na fronte.

— Becky?

Digo-lhe que não é nada, que estou apenas cansada. Pressiono as costas das minhas mãos molhadas contra as faces.

— Não te queria assustar, Beck — diz Judith, prudente. Está com medo de que eu vá contar. Onde é que ela aprendeu a fazer isto? Provavelmente, com a tia Clarke. Parece-se muito com um dos seus feitiços

caseiros. Mas do que poderia Judith precisar de uma mulher astuciosa? Não tem pessoa amada a quem dedicar cânticos.

— Não te aflijas com isso — digo-lhe, e volto para a cama, viro-me de lado e comprimo a manta bolorenta nos lábios. Ela observa-me durante uns instantes, ressentida, mas acaba por fazer o mesmo, apagando a vela e tapando-nos com a manta.

Fico acordada durante muito tempo na escuridão e penso no que vi, ou julgo ter visto, e em qual será, na prática, a diferença entre ver alguma coisa e *pensar* que se vê alguma coisa. Não sou supersticiosa, sou eficiente. Aprendi sozinha a observar e a ouvir. Já vi demasiado sofrimento na vida para saber que a mente doente é propensa a inventar todo o tipo de fantasmas, que podem assombrar uma pessoa. É melhor atribuir as culpas a uma fada ou a um duende pelo azedar do leite ou pelo emaranhamento da crina do cavalo do que reconhecer que os nossos próprios hábitos desleixados poderão ter contribuído para a situação. Acho que é uma vaidade, na verdade: todas essas Jezabels que se julgam donas de uma beleza tão grande capaz até de chamar a atenção do Diabo, a inventarem séquitos de demónios para lhes chuparem as belas mamas, e tudo porque os maridos nunca desviam os olhos das suas canecas de cerveja para as olharem. Não. Não fantasies com ser uma bruxa. Não fantasies de todo. Uma pequena dor e um nada de alegria, meias molhadas e camas frias, mas tens um bom corpo, Rebecca, os teus olhos são vivazes, a seu tempo serás escolhida por um homem ou, pelo menos, ele não dirá que «não»...

Nessa noite, tenho um sonho, encolhida ao lado de Judith. Um feixe de luz do sol penetra com estrondo nesse sonho. A minha camisa interior derrete-se-me no corpo sob os raios.

Estou numa clareira. Sozinha, para lá da lagoa que parece um espelho. A lagoa está ladeada por juncos e flores minúsculas azuis e brancas, e há salgueiros que se curvam para embeber as suas folhas pontiagudas na água. É um lugar tão bonito, e sinto-me contente ali, apesar de estar nua. O facto de dar por mim nua neste sonho apenas me deixa mais alegre: estou no meu corpo prostrado, mas também de certo modo a

olhar de cima para mim própria, em baixo, como se eu tanto fosse o meu corpo quanto o Sol, e dou por mim satisfeita com o meu próprio corpo, esbelto, esguio e rosado como o interior de uma concha, e igualmente satisfeita por ser o Sol e ter um jardim e uma rapariga tão belos para olhar. O calor mescla-se com a minha pele.

Um som estridente chega-me vindo de algum sítio próximo. Ergo-me para olhar para lá da lagoa na direção desse estranho som. Por trás da água, há um pomar, exuberante e denso, que se dissolve, enfim, no bruxulear do calor suave. Na margem mais afastada da lagoa, está Margaret Moone. Enverga um vestido branco. Levanta o braço para apanhar uma maçã que estremece num ramo baixo sobre a sua cabeça. Está a rir-se. Os seus dedos das mãos acariciam despreocupadamente a pele vermelha e rija do fruto. Mais para cima, mais para cima, um maravilhoso alongamento, e a seguir, salta. Desliza pelo ar sem pressa, como uma bolha que sobe no azeite, os dedos dos pés esticados. No meio da alegria daquele voo majestoso, parece esquecer a maçã e usa os braços para avançar pelo ar. A touca cai-lhe da cabeça enquanto voa, como que arrancada por uma rajada de vento, mas não há vento — os ramos das árvores de fruto estão imóveis — e o seu cabelo louro esvoaça atrás de si. Depois, suavemente, desce e no sítio em que aterriza, a erva ondeia sob o toque dos seus pés como um pano de musselina esticado que tapa um pudim em repouso. Um jardim estranho, delicado. Ela salta outra vez, e outra vez, cada segmento é acompanhado pelo som estridente. Ela parece estar a rir, alegre e incessantemente, mas tal riso não consigo ouvir. Seja como for, vê-la deslizar de um modo tão suntuoso, tão aprazível, pelo ar tépido deste pomar de sonho enche de alegria o meu coração de sonho e, então, começo a rir também e deixo-me cair para trás na erva, que emana o seu odor inebriante a toda a volta.

Duas borboletas dançam contra o sol implacável. São enormes e pretas e vêm pousar na minha barriga, onde os movimentos dos seus pequeninos pés me fazem cócegas. Observo-as. Os seus corpos finos e compactos parecem trabalhar excessivamente sob o peso daquelas asas extravagantes, pretas, mas com zonas coloridas por transparências roxas e de um bordô escuro. Olhos tímidos, polvilhados de lilás, incapazes de

ver na ponta de cada asa esvoaçante. *Que belas são*, penso. Quão difícil fazem parecer a sua beleza. Tremulam as asas que se abrem e fecham, banhando-se ao sol, e aninham-se nos caracóis escuros de pelos mesmo acima da minha genitália. Aí, param, atentas como se a minha zona íntima fosse uma flor de rara doçura.

A minha pele é percorrida por minúsculos tremores. Uma sensação pura e surpreendente de chuva a cair sobre mim à medida que as borboletas se aninham entre as minhas coxas com as suas carícias trémulas. Há uma terceira borboleta, e esta cai-me no peito, e depois — depois — a parte da frente do meu corpo arrefece, atirada abruptamente para debaixo de uma sombra. Abro os olhos e já não há borboletas. Abro os olhos e estou a olhar para o rosto do senhor Matthew Hopkins.

Ele nada diz. Põe a sua mão enluvada no meu corpo e a sensação de prazer dispara outra vez, e é vergonhoso, e a minha felicidade no pomar é horrivelmente estragada. Agarro-o no pulso quando me toca na anca e digo-lhe que não pode fazê-lo, e olho para a margem mais afastada, onde Margaret Moone está a chegar ao ponto alto de mais um voo demorado pelo céu que escurece sobre as copas das macieiras. Ele segue o meu olhar.

— Ah — diz ele. — Não temos de nos preocupar com ela. — E tem razão, pois Margaret Moone detém-se em pleno voo e desfaz-se das pernas e dos braços, como se de uma muda se tratasse, e arredonda-se até ganhar a forma de uma rocha dura e fria, uma verdadeira Lua, enfim.

Em seguida, ele envolve firmemente a minha cintura com o braço, baixa a boca até ao meu pescoço e beija-me sofregamente ali. Eu aqueço, cedo, os meus olhos começam a fechar-se. A última coisa que vejo é a água da lagoa que parece um espelho, e os galhos nela refletidos. E vejo que está uma corda de força vazia pendurada num dos ramos mais baixos de uma árvore prateada e invertida.

Quando acordo, a minha boca está azeda do sono e dói, como se tivesse sido mordida. Os olhos sorrateiros de Judith estão fixos no meu rosto, espreitando do seu pedaço de cobertor amarfanhado. O frio matinal no pequeno quarto, uma pequena fatia de céu arroxeadado.

— Atrevo-me a perguntar com que sonhou? — pergunta ela.

Respondo-lhe que pode perguntar, mas que diabos me levem se lhe vou contar.

— Uma resposta que sugere que já está a fazê-lo — diz ela.

Os seus lábios contorcem-se no canto da manta e desatamos a rir.